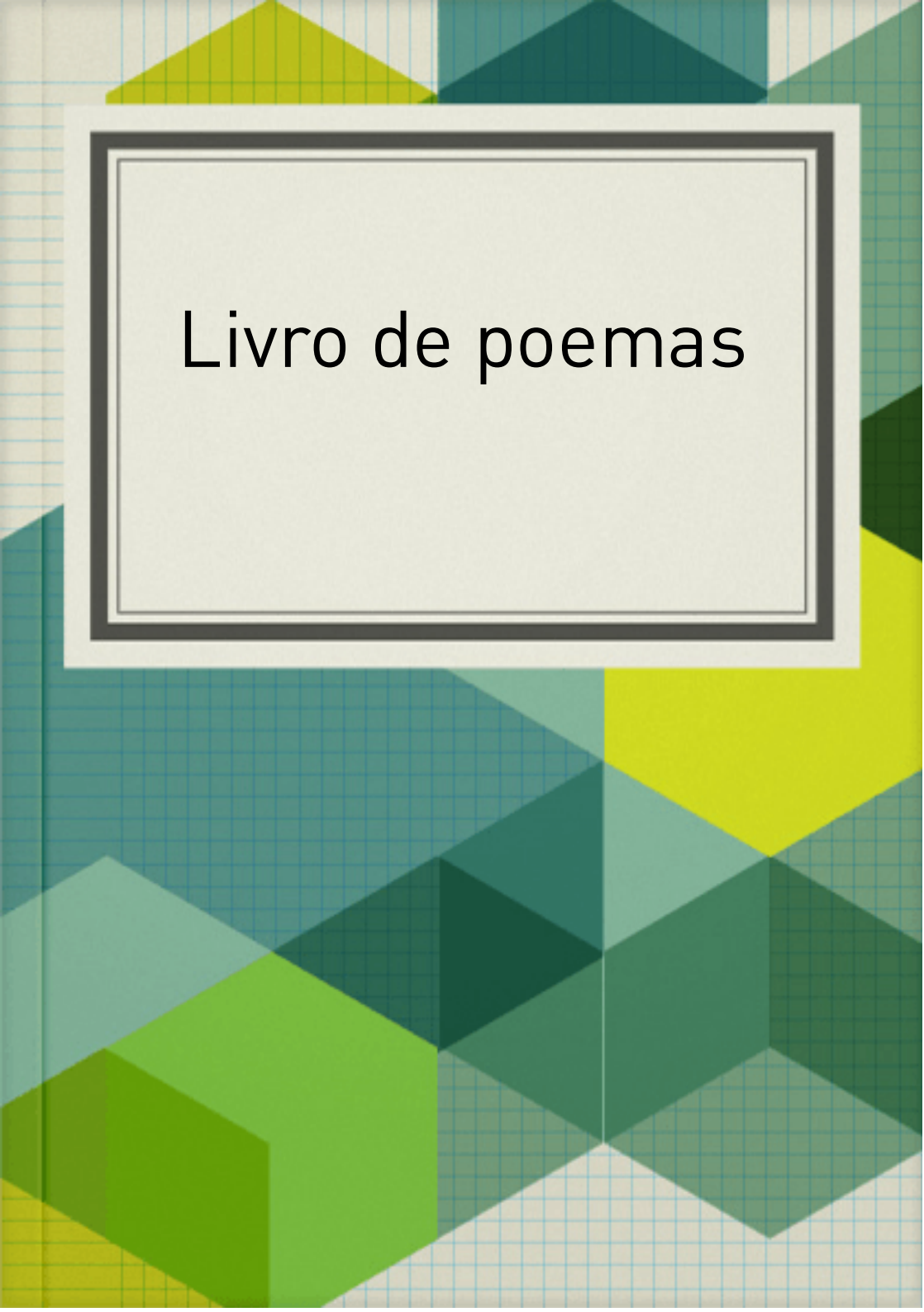




Livro de poemas

POEMAS DE GREGÓRIO DE MATOS

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, Da vossa
alta clemência me despido; Porque, quanto mais
tenho delinqüido, Vós tenho a perdoar mais
empenhado. Se basta a vos irar tanto pecado, A
abrandar-vos sobeja um só gemido: Que a mesma
culpa, que vos há ofendido, Vos tem para o perdão
lisonjeado. Se uma ovelha perdida e já cobrada Glória
tal e prazer tão repentino Vos deu, como afirmais na
Sacra História, Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino, Perder na
vossa ovelha a vossa glória.

Período-arcadismo ou neoclassicismo

Poemas de Basílio da Gama

MORTE DE LINDÓIA

Um frio susto corre pelas veias De Caitutu, que deixa
os seus no campo; E a irmã entre as sombras do
arvoredo Busca coa vista, e treme d'encontrá-La.
Entram enfim na mais remota e interna Parte do
antigo bosque, escuro e negro, Onde, ao pé duma lapa
cavernosa, Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmims e rosas. Este lugar delicioso e
triste, Cansada de viver, tinha escolhido Para morrer a
mísera Lindóia. Lá reclinada, como que dormia Na
branda relva e nas mimosas flores; Tinha a face na
mão e a mão no tronco Dum fúnebre cipreste, que
espalhava Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo Verde
serpente, e lhe passeia e cinge Pescoço e braços, e
lhe lambe o seio. Fogem de a ver assim
sobressaltados E param cheios de temor ao longe; E
nem se atrevem a chamá-la, e temem Que desperte
assustada e irrite o monstro, E fuja, e apresse no fugir
a morte. Porém o destro Caitutu, que treme Do perigo
da irmã, sem mais demora Dobrou as pontas do arco,

e quis três vezes Soltar o tiro, e vacilou três vezes
Poemas de Basílio da Gama
Entre a ira e o temor. Enfim sacode O arco e faz voar a
aguda seta, Que toca o peito de Lindóia e fere A
MORTE DE LINDÓIA
Serpente na

testa, e a boca e os dentes Deixou cravados no vizinho
tronco. Açoita o campo coa ligeira cauda O irado
monstro, e em tortuosos giros Se enrosca no cipreste,
e verte envolto Em negro sangue o lívido veneno. Leva
nos braços a infeliz Lindóia O desgraçado irmão, que
ao despertá-la Conhece, com que dor! no frio rosto Os
sinais do veneno, e vê ferido Pelo dente sutil o brando
peito. Os olhos, em que Amor reinava, um dia, Cheios
de morte; e muda aquela língua, Que ao surdo vento e
aos ecos tantas vezes Contou a larga história de seus
males. Nos olhos Caitutu não sofre o pranto E rompe
em profundíssimos suspiros, Lendo na testa da
fronteira gruta De sua mão já trêmula gravado O
alheio crime e a voluntária morte, E por todas as
partes repetido O suspirado nome de Cacambo. Lnda
conserva o pálido semblante Um não sei quê de
magoado, e triste, Que os corações mais duros
enternece. Tanto era bela no seu rosto a morte! (De O
Uruguai)

Período-Romantismo

Poemas -José de Alencar

Na Ilha Por Vezes Habitada

Na ilha por vezes habitada do que somos, há noites, manhãs e madrugadas em que não precisamos de morrer. Então sabemos tudo do que foi e será. O mundo aparece explicado definitivamente e entra em nós uma grande serenidade, e dizem-se as palavras que a significam. Levantamos um punhado de terra e apertamola nas mãos. Com doçura. Aí se contém toda a verdade suportável: o contorno, a vontade e os limites. Podemos então dizer que somos livres, com a paz eo sorriso de quem se reconhece e viajou à roda do mundo infatigável, porque mordeu a alma até aos ossos dela. Libertemos devagar a terra onde acontecem milagres como a água, a pedra e a raiz. Cada um de nós é por enquanto a vida. Isso nos baste.

Período-Realismo/ Naturalismo

Poema-Machado de Assis

A uma senhora que me pediu versos

Pensa em ti mesma, acharás Melhor
poesia, Viveza, graça, alegria, Doçura e paz. Se já dei
flores um dia, Quando rapaz, As que ora dou têm assaz
Melancolia. Uma só das horas tuas Valem um mês
Das almas já ressequidas. Os sóis e as luas Creio bem
que Deus os fez Para outras vidas.

Período-Simbolismo

Poema: Cruz e Sousa

Acrobata da dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta, como um
palhaço, que desengonçado, nervoso, ri, num riso
absurdo, inflado de uma ironia e de uma dor violenta.
Da gargalhada atroz, sanguinolenta, agita os guizos, e
convulsionado salta, gavroche, salta clown, varado
pelo estertor dessa agonia lenta ... Pedem-se bis e um
bis não se despreza! Vamos! retesa os músculos,
retesa nessas macabras piruetas d' aço. . . E embora
caias sobre o chão, fremente, afogado em teu sangue
estuoso e quente, ri! Coração, tristíssimo palhaço.

Período-Prè-modernismo

Poema-Augusto dos anjos

Versos Íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua
última quimera. Somente a Ingratidão – esta pantera
– Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à
lama que te espera! O Homem, que, nesta terra
miserável, Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo.
Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do
escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se
a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa
mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

Período- Modernismo

Poema- Manuel Bandeira

Os sapos:

Enfunando os papos, Saem da penumbra, Aos pulos,
os sapos. A luz os deslumbra. Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi: - "Meu pai foi à guerra!" - "Não foi!"
- "Foi!" - "Não foi!". O sapo-tanoeiro, Parnasiano
aguado, Diz: - "Meu cancionero É bem martelado.
Vede como primo Em comer os hiatos! Que arte! E
nunca rimo Os termos cognatos. O meu verso é bom
Frumento sem joio. Faço rimas com Consoantes de
apoio. Vai por cinquenta anos Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos A fôrmas a forma. Clame a saparia
Em críticas céticas: Não há mais poesia, Mas há artes
poéticas..." Urra o sapo-boi: - "Meu pai foi rei!" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!". Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro: - A grande arte é como Labor de
joalheiro. Ou bem de estatuário. Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário, Canta no martelo". Outros,
sapos-pipas (Um mal em si cabe), Falam pelas tripas,
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!". Longe dessa grita, Lá
onde mais densa A noite infinita Veste a sombra
imensa; Lá, fugido ao mundo, Sem glória, sem fé, No

perau profundo E solitário, é Que soluças tu, Transido
Período-Quinhantismo
de frio, Sapo-cururu Da beira do rio...
José de Anchieta (1534 - 1597) compôs o Poema à
Virgem, poema de 4.172 versos, Não tive como
transcrever todo o poema para pelo limite de
palavras.

À virgem

Minha alma, por que tu te abandonas ao profundo
sono? Por que no pesado sono, tão fundo ressonas?
Não te move à aflição dessa Mãe toda em pranto, Que
a morte tão cruel do Filho chora tanto?

E cujas entranhas sofre e se consome de dor, Ao ver,
ali presente, as chagas que Ele padece? Em qualquer
parte que olha, vê Jesus, Apresentando aos teus olhos
cheios de sangue.